

RESENHA



AFRO-PAULISTANOS DO SÉCULO XXI SOB AS LENTES DOCUMENTAIS AUDIOVISUAIS

**Resenha sobre documentários audiovisuais recentes que abordam
a presença de africanos e africanas na cidade de São Paulo/SP**

Por Antonio Gomes de Jesus Neto

171

Antonio Gomes de Jesus Neto

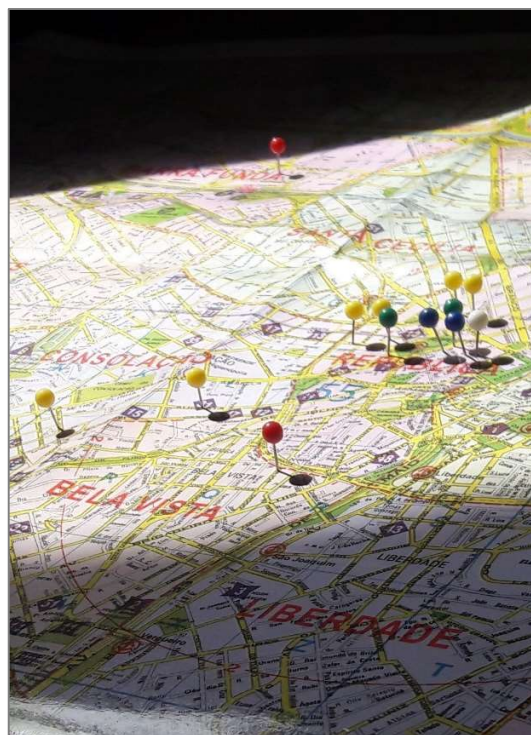
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em
Geografia Humana da Universidade de São Paulo
(PPGH/USP)

Membro do GeoÁfrica

Contato: antonio.gomes.neto@usp.br

Como citar

JESUS NETO, A. G. Afro-paulistanos do século
XXI nas lentes documentais audiovisuais.
Boletim GeoÁfrica, v. 3, n. 10, p. 171-176, abr-
jun 2024.





172

Cada vez mais estudada, documentada e discutida no meio acadêmico brasileiro e mundial, a ideia de uma “diáspora africana” costuma ser associada, quase instantaneamente, ao que Zeleza (2008) denominou “modelo Atlântico”. Para o historiador malawiano, sobretudo pela influência do livro seminal de Gilroy [1993](2001), tornou-se comum associar a diáspora africana à terrível experiência histórica do tráfico de escravizados entre os séculos XV e XIX – que no caso do Brasil, foi a responsável pela composição de uma maioria da população nacional remetendo suas origens ao continente africano. Ainda que a discussão desse processo seja essencial para um melhor conhecimento da violência passada e presente das nossas formações socioespaciais (Santos, 1977), Zeleza (2008) chama atenção ao fato de que, para além do Atlântico, existiram outros sentidos históricos da diáspora africana – Mediterrâneos e Índicos, por exemplo. Da mesma maneira, atualmente, os africanos e africanas continuam a se deslocar para outros continentes, mas agora com outras motivações e inseridos em outros processos, não necessariamente forçados como no caso do tráfico de escravizados. Neste sentido, a partir da virada para o século XXI, e especialmente com o endurecimento das fronteiras estadunidenses e europeias para estrangeiros vindos de outras latitudes (Uebel e Rückert, 2017), o Brasil passou a ser visto por africanos e africanas como uma possibilidade de destino migratório. Assim, nas últimas duas décadas, centenas de milhares de pessoas com origem no continente africano entraram em território brasileiro para estudar, trabalhar e/ou buscar refúgio – ainda que esta última categoria pareça ser sobrerrepresentada em relação às outras (estatisticamente mais volumosas), provavelmente pela narrativa hegemônica de que imigrantes africanos estão sempre fugindo de condições precárias em seus países de origem.

Segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA) da Polícia Federal brasileira¹, entre 2000 e 2024 solicitaram o Registro Nacional Migratório (RNM) no Brasil 97.188 pessoas com origem em 54 países africanos², das quais 32.249 (ou seja, 33%, ou 1/3 do total) o fizeram no município de São Paulo. Tal importância no volume nacional certamente se

¹ Os dados foram disponibilizados, em uma interface amigável, no portal do Observatório das Migrações em São Paulo, criado pelo Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO), da Unicamp. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincre-sismigra/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

² O Sudão do Sul não consta nos registros. Possivelmente seus dados estão agregados ao Sudão, já que sua independência foi declarada no meio do período da amostra (2011).



faria perceptível tanto na paisagem quanto nas dinâmicas econômicas, sociais e culturais da capital paulista, e como não poderia deixar de ser, realizadores audiovisuais (paulistanos e não-paulistanos) vêm registrando esse processo nos últimos anos, e exibindo seus resultados em *streamings* e circuitos alternativos de cinema pelo país afora. São exatamente essas produções que se pretende analisar, de maneira conjunta, nesta resenha.

Cronologicamente falando, os primeiros registros a serem analisados aqui são dois curtas-metragens produzidos entre 2017 e 2018 pelo Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP), dentro de projetos temáticos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)³. O primeiro destes curtas-metragens, “Tabuluja (Acordem!)”, é de 2017, e registra uma performance do artista congolês Shambuyi Wetu no Museu Afro Brasil, localizado no Parque do Ibirapuera. Inspirado na experiência diaspórica resultante do tráfico de escravizados, o curta-metragem parece fazer uma ponte entre esse processo histórico e a “nova diáspora” africana no Brasil, representada pelo próprio Shambuyi (relativamente recém-chegado ao país quando da realização do curta-metragem). Já no ano seguinte (2018), o mesmo grupo produziu outro pequeno documentário intitulado “Woya Mayi Mawe – Para onde vais?”, que acompanhou a experiência da cantora e musicista moçambicana Lenna Bahule na cidade de São Paulo. De certo modo “cobrada” pelo público paulistano a apresentar elementos da música “tradicional” africana (e não da música erudita na qual ela já era formada antes de cruzar o Atlântico), Lenna diz no filme que isso lhe impulsionou a se reconectar com suas raízes africanas/moçambicanas, mais uma vez interligando as discussões sobre as “velhas” e “novas” diásporas africanas que permeiam as discussões acadêmicas sobre o assunto

Dois anos depois, em 2020, os professores (e diretores dos filmes do LISA) Jasper Chalcraft e Rose Satiko Hikiji lançam o primeiro longa-metragem sobre o mesmo tema (inclusive aproveitando material dos filmes anteriores), intitulado “Afrosampas”. Estendendo ainda mais o leque de músicos africanos atuantes em São Paulo (foco principal do projeto temático onde os filmes estão inseridos), o documentário apresenta em destaque Yannick Delass, músico e cantor congolês que não apenas se apresenta na cidade, se envolvendo também na animação cultural (ele

³ Além dos filmes, o projeto desdobrou-se também em publicações acadêmicas (Hikiji e Chalcraft, 2022; Chalcraft e Hikiji, 2021; Chalcraft, Segarra e Hikiji, 2017).



criou, e gere até hoje, um centro cultural africano no bairro da Bela Vista) e no ativismo político em torno dos direitos dos africanos na capital paulista. Curiosamente, o próprio Yannick afirma no filme se incomodar por ser tachado de músico “refugiado” (algo que ele não é efetivamente, apesar da militância pela causa), ainda que, contraditoriamente, esse estigma tenha o ajudado a se inserir no cenário musical paulistano. Fechando (pelo menos por enquanto) a série de filmes sobre o musicar africano em São Paulo, os diretores lançaram em 2023 “São Palco - Cidade Afropolitana”, mobilizando o conceito discutido por Mbembe (2020) para pensar a elaboração coletiva de uma africanidade contemporânea na cidade, e uma (re)africanização desta e dos próprios músicos imigrantes apresentados. Iniciando com outra performance de Shambuyi Wetu (agora refletindo sobre o tráfico de escravizados a partir de uma praia paulista atlântica), o filme acaba por sintetizar o movimento dialético existente entre essas diásporas históricas e contemporâneas – já que estas últimas, como registrado pelas câmeras, acabam por se instalar novamente nos lugares de resistência negra de São Paulo (especialmente no Centro da cidade).

Não por outra razão, duas outras produções audiovisuais documentais recentes sobre os africanos e africanas em São Paulo, concentram grande parte de suas narrativas na região da República – onde para além dos músicos abordados nos filmes do LISA, encontram-se diversas outras formas de se estar na cidade para quem vem da África. No curta “Mama – Africanos em São Paulo”, do realizador mineiro Rafael Aquino, o foco recai sobre a figura de Mama Diop, senegalesa há quase 20 anos na cidade e que “amadrinha” quase todos os africanos que chegam no Centro paulistano atrás de oportunidades de trabalho. Envolvida com o comércio de roupas e tecidos trazidos de países africanos, é através de Mama Diop que o documentário mostra o dia-a-dia de donos de restaurantes, artistas e comerciantes de rua, com origens as mais diversas no continente africano. Os comerciantes de rua, a propósito, são o fio condutor a partir do qual o multi-artista angolano Paulo Chavonga desenvolve seu documentário “Sonhos Exilados” (também de 2023), e que também percorre a cidade para mostrar a experiência migratória destas pessoas, com seus sonhos e pesadelos criados e vividos nesta contraditória relação com São Paulo. Cabe destacar também, apesar de não ser especificamente voltado ao tema dos africanos na cidade, o documentário “Rua Aurora, refúgio de todos os mundos” (igualmente de 2023), que dentre os personagens desta icônica rua do Centro de São Paulo, inclui a comunidade senegalesa, registrando as reuniões semanais na Praça da República para a manutenção de sua cultura musical e religiosa.



De maneira geral, o que os filmes analisados explicitam é a grande diversidade existente nesta migração africana contemporânea para São Paulo. Para além dos já mais discutidos refugiados (que a propósito, também aparecem nos filmes), são apresentados ao público estudantes, escritores, poetas, músicos, vendedores, barbeiros, trancistas e proprietários de estabelecimentos comerciais, todos e todas com origem em algum dos 55 Estados reconhecidos pela União Africana (UA), e cada um com suas trajetórias, opiniões e relações com o Brasil e a cidade. Mais do que a(s) multiplicidade(s) de africanos vivendo em São Paulo hoje, porém, os documentários revelam também uma multiplicidade de olhares possíveis para estes sujeitos (que não são apenas simples objetos narrativos), tendo sido concebidos e realizados por diretores brasileiros, europeus e africanos de diferentes gêneros, origens étnico-raciais e classes sociais – incluindo o angolano Paulo Chavonga, que fez um registro do próprio movimento migratório do qual ele faz parte.

Sem dúvidas, e como os próprios dados do SISMIGRA apontam, a presença africana contemporânea no Brasil não se resume a São Paulo (apesar da concentração considerável na cidade), e obviamente ela também vem sendo registrada de maneira audiovisual em outras cidades, como o Rio de Janeiro (onde foram realizados o documentário “7 Cortes de cabelo no Congo” e a série documental “Refugiados”). De qualquer maneira, cabe ressaltar que estes movimentos estão em pleno desenvolvimento e processo de registro em múltiplos formatos (audiovisual, fotográfico, musical, pictórico e escrito, incluindo neste último a pesquisa acadêmica), sendo necessário portanto um esforço constante de atualização e reflexão sobre seus sentidos contemporâneos – sem nunca esquecer-se, obviamente, do processo histórico mais amplo de raízes seculares ao qual ele está indiscutivelmente inserido, e com o qual inexoravelmente se relaciona.

Filmes analisados/citados

7 CORTES de cabelo no Congo. Direção: Luciana Bezerra, Gustavo Melo e Pedro Rossi. Brasil : Coevos Filmes, 2022.

AFROSAMPAS. Direção: Jasper Chalcraft e Rose Satiko Hikiji. Brasil : LISA/FFLCH/USP, 2020.

MAMA – Africanos em São Paulo. Direção: Rafael Aquino. Brasil, 2023.



REFUGIADOS (Série documental). Direção: Laís Lifschitz e João Carlos Martins. Brasil : Futura, 2017.

RUA Aurora – Refúgio de todos os mundos. Roteiro: Eli Ramos e Camilo Cavalcante. Brasil : Lira Filmes, 2023.

SÃO PALCO – Cidade Afropolitana. Direção: Jasper Chalcraft, Rose Satiko Hikiji e Shambuwi Wetu. Brasil : LISA/FFLCH/USP, 2023.

SONHOS Exilados. Direção: Paulo Chavonga. Brasil : Conexão Angola Brasil, 2023.

TABULUJA (Acordem!). Direção: Jasper Chalcraft, Rose Satiko Hikiji e Shambuwi Wetu. Brasil : LISA/FFLCH/USP, 2017.

WOYA Hayi Mawe – Para onde vais?. Direção: Jasper Chalcraft e Rose Satiko Hikiji. Brasil : LISA/FFLCH/USP, 2018.

Referências bibliográficas

CHALCRAFT, Jasper; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Imagens que atravessam. Diáspora africana em performance. *Artelogie* [online], n. 16, 2021.

CHALCRAFT, Jasper; SEGARRA, Josep Juan; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Bagagem desfeita: a experiência da imigração por artistas congolezes. *GIS (Gesto, Imagem e Som)*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 306-312, mai. 2017.

GILROY, Paul [1993]. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo : Editora 34/UCAM, 2001.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana; CHALCRAFT, Jasper. Gringos, nômades, pretos – políticas do musicar africano em São Paulo. *Revista de Antropologia* [online], São Paulo, v. 65, n. 2, 2022.

MBEMBE, Achille. Afropolitanism. *Nka (Journal of Contemporary African Art)*, n. 46, p. 56-61, 2020.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 81-99, 1977.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI. *Confins* [online], n. 31, 2017.

ZELEZA, Paul Tiyambe. The Challenges of Studying the African Diaspora. *African Sociological Review*, v. 12, n. 2, p. 4-21, 2008.